

Apresentação

Atenta às múltiplas (inter)faces que cada vez mais se interconectam ao mundo interdisciplinar das ciências, este volume da Papéis apresenta estudos em contextos de Libras, semiótica e de escolas.

Para abrir este número da Papéis, Balabuch faz um estudo preliminar que reúne translíngualismos e letramentos críticos em Libras como uma ideia inovadora com vistas a ampliar as pesquisas, a formação e o ensino-aprendizagem por meio dessa língua. Os translíngualismos não inauguram algo, segundo os teóricos selecionados, porque suas práticas já fazem parte da construção de sentidos em Libras e são merecedoras de atenção num mundo que aponta para uma crescente globalização. Ao tocar nesse assunto, os letramentos críticos emergem com práticas que tendem a “beneficiar a comunidade surda para que esta negocie sentidos e discursos, entenda as relações entre conhecimento, poder e diferenças, lide com as instabilidades, ambiguidades e transforme informação em conhecimento” modificando interculturalmente os modos de vida

Focalizando a inteligência artificial no campo das linguagens, Buvet tece sobre robôs assistentes, ou os sociais que combinam interações verbais entre o homem e a máquina. Em contexto de prestação de serviço, um desses robôs é o chatbot, programa de computador que simula uma conversa humana num chat possibilitando automatizar tarefas repetitivas, como dúvidas frequentes, na forma de diálogo pré-definido entre o homem e o robô. Buvet assinala que um chatbot inteligente simula que entende as mensagens recebidas (perguntas),

que as associa com as mensagens de saída (respostas) e que é possível simular interações entre dois interlocutores tomando o lugar de um deles. O desempenho do chatbot está intimamente ligado à relevância, à velocidade e à interpretação das mensagens enviadas, evidenciando a relevância desta pesquisa para os estudos de linguagens.

De dentro de um centro educativo, Etto e Carlos apresentam a linguagem dos adolescentes a partir da sociolinguística. Trazem autores e precursores dos estudos sociolinguísticos e fazem referências a outros autores da linguística evidenciando um panorama dos estudos linguísticos, culminando no enfoque variacionista qualitativo. O passo a passo metodológico é explicitado ao cuidar do aspecto léxico-semântico da linguagem dos adolescentes de tal centro educativo.

Abordando a relação entre literatura e a linguagem audiovisual e seus diversos componentes narrativos em *Capitu*, Guida e Gutierrez reforçam que essa obra audiovisual é mais que mera adaptação da obra literária *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, para o universo televisivo. A riqueza e a complexidade híbrida da produção televisiva *Capitu* conferem status digno de um trabalho legítimo e autônomo, conforme apostam os teóricos de diferentes manifestações artísticas nos quais o artigo em questão se fundamenta. Diferentes sistemas de signos conferem a natureza híbrida da obra salientando uma concepção de linguagem que desloca narrativas e verdades.

Analisado sob o prisma da Lexicologia e da Lexicografia, particularmente a de caráter especializado, Menezes, Marques e Isquierdo apresentam e discutem os resultados de uma análise descritiva da macroestrutura e da microestrutura de uma obra clássica da área do Direito. As autoras olham para as unidades léxicas complexas de base nominal e chegam à conclusão de que, da análise dos dados extraídos de um *corpus* de 900 unidades complexas reunidas na letra *a* do dicionário especializado, as colocações e as locuções são bastante produtivas no âmbito do vocabulário jurídico.

A tricotomia dos argumentos oriunda da teoria peirciana é colocada em relação com o método de descoberta do detetive Sherlock Holmes, personagem de Conan Doyle, no texto *Um estudo em vermelho*, de 1887, e no seriado *Um estudo em rosa*, da série “*Sherlock*” apresentada pela BBC Londres em 2010. Nascimento e Silva vão acompanhando as hipóteses do detetive, associadas à

abdução peirciana, e as deduções e induções que desenvolvem e testam tais hipóteses no decurso da narrativa e do desvendar do caso a que se dedica o detetive.

“Qual seria o tempo da *experiência* na escola? Que propostas dialogam com esse tempo?” são algumas das indagações que Noble elabora ao traçar uma experiência cara aos alunos do terceiro ano do ensino médio. Contraindo-se ao “tempo de ruído” tipificado pela velocidade e excesso das informações, os alunos são expostos a uma experiência na qual recuperam a subjetividade, incluindo leituras de contos com temas sociais, postagens de imagens em Instagram, confecção de cartazes e roteiro teatral produzido coletivamente para ser vivenciado e refletido como um acontecimento sensorial.

Juntando a esse campo de pesquisa, Pereira e Limberti relacionam iconicidade e classificadores (que não se restringem as mãos) em Libras, dando destaque ao fato de que as línguas de sinais não são puramente icônicas. Se iconicidade torna o movimento gestual transparente, facilitando sua compreensão, a “arbitrariedade revela que alguns sinais não representam semelhanças visuais com o referente”, o que reforça a “modalidade visuo-espacial” em Libras. Por fim, trazem a lembrança de que, como qualquer língua, a Libras depende do entendimento das convenções comunitárias e de “sinais do léxico não-nativo” em contextos singulares.

A partir de contos de Lima Barreto, Santos busca contribuir para a ampliação de questões de identidade lançando mão de teorias semióticas e discursivas. Focalizando alguns elementos da teoria semiótica, especialmente no tocante à figurativização e tematização, a autora identifica “os desdobramentos da representação no plano do conteúdo para mediar a relação com os fatores sócio-históricos” que constituem os contos *Harakashy* e *as escolas de Java* e *Um músico extraordinário*. A análise “das figuras instaladas no discurso, como o ícone, a isotopia e a temática” dos contos conta com procedimentos argumentativos girando em torno de uma reflexão que estende a semiótica para o mundo social.

Analisando semioticamente a obra pictórica “Dos Bugres”, do artista Júlio Cabral, Silva passeia por trajetórias gerativas que contemplam níveis

semânticos, narrativos e discursivos. Apresenta “ancoragem” com efeitos de representação e de realidades, passando pelas funções da “tematização e figurativização” suscitadas pela tela em estudo. O autor religa texto (tela) e o contexto da história brasileira com um recorte de análise concentrado na questão da dominação do indígena pelo branco. Contrastes entre natureza e cultura, liberdade e dominação, jogos de cores e luzes e o reconhecimento de imagens são abordados como empreendimentos ideológicos.

Olhando para um material de língua adicional/estrangeira em contexto de ensino fundamental, Souza discute a importância da natureza das perguntas em atividades de um livro didático de inglês, da perspectiva do letramento crítico. A trama da discussão traz questionamentos e reflexões que revitalizam uma opção na formação cidadã atual. O texto aponta para o lidar criticamente com temáticas sobre a diversidade, indo além da mera varredura de sentidos. A autora busca enfatizar o papel político na construção de conhecimento e o entendimento de como os sentidos operam dependendo do tipo de pergunta que se faz ao aluno com consequências sociais explicitadas.

Tanto as temáticas quanto a estruturação deste volume da *Papéis* estimulam a experiência do leitor com aprendizagem enriquecedora e dialógica com os textos e seus respectivos autores aqui contemplados. Resta-nos agradecer, uma vez mais, aos autores e desejar a todos uma ótima leitura!

Eluiza Bortolotto Ghizzi (UFMS)

Editora da área de Linguística e Semiótica da *Papéis*

Nara Hiroko Takaki (UFMS)

Editora adjunta da edição do nº 45/2019 da *Papéis*